O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$100 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 26 DE DEZEMBRO DE 1888

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, não accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:755

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A GUERRA DOS VINHOS.—DESMENTIDO.—OS ACROBATAS.—COMMISSÃO DISTRICTAL.—NOTICIARIO.—A QUESTÃO VINICOLA NA ITALIA E EM PORTUGAL.—OS DESPOJOS DE UMA RAINHA.—CARTA DE LISBOA.—SECÇÃO AGRICOLA: ASSUMPTOS VITICOLAS, *por A. C. Lecocq.*—SECÇÃO LITTERARIA: EMILIA DAS NEVES, *por Candido de Figueiredo;* NA VESPERA DO NATAL, *por A. A. Teixeira de Vasconcellos.*—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.

AVEIRO

A GUERRA DOS VINHOS

Assim chama uma parte da opposição ao protesto lavrado por algumas casas commerciaes do Porto contra o contracto feito pelo governo com os proprietarios e vitieultores das regiões do norte do paiz. Reputam-se ellas feridas ou contrariadas nos seus interesses pela nova entidade que lhes surge pela frente. Entendem que devem clamar e agitar-se, a fim de obrigar o governo a desistir dos seus propositos de beneficiar os que teem vivido até agora opprimidos pela especulação de duas ou tres duzias de individuos, que teem açambarcado este ramo de commercio em Portugal.

Pela nossa parte, e em quanto não nos convencerem do contrario, não nos parece viavel a crusada que se levantou contra o que deseja e quer a agricultura nacional. E o melhor do caso é, que ainda não vimos produzir argumento, do qual possa deprehender-se que se pretende discutir a sério o contracto em questão. Ainda mais: temos visto arredal-o da tela, declamando-se vagamente, como se a importancia do assumpto não merecesse mais á imprensa, que assim gasta toda a polvora dos seus arsenaes em demonstrações pouco sérias e de todo o ponto contrarias á verdade dos factos.

Os commerciantes julgam-se lezados com a concorrencia da companhia. Esta é a questão. Desejam ver-se sós em campo, sem terem ninguem que os affronte. Se alguem lhes diz Porque não se associam tambem?—Elles barafustam, e allegam que o contracto feito pelo governo é uma affronta aos seus direitos. Os porquês, é que elles não confessam. Tomaram como recurso infallivel o fazer barulho. Queriam apresentar-se em Lisboa precedidos dos clamores de uma manifestação ruidosa, feita pelos seus empregados e dependentes. E como não lh'o consentissem, déram-se ares de victima, sem comtudo deixarem de ameaçar a nação com a possibilidade de uma intervençãosinha estrangeira, a favor... do exclusivo, que os interessados só pretendem para as suas firmas.

O desvairamento chegou ao cumulo de se invocar o fantasma da companhia dos vinhos do alto Douro, como se podessem resurgir do pó os vetustos privilegios com que o marquez de Pombal agraciou um grupo de individuos, que se aproveitaram da concessão para enriquecerem. Como se ainda estivessemos n'esses tempos, em que a vontade do valido era a lei suprema.

Outros jornaes da opposição allegam, que o governo dera instrucções para os povos se reunirem em comicios, afim de representarem a favor da companhia vinicola. E' mais uma balela, semelhante á da invocação pombalesca. O que surprehende é que os orgãos regeneradores levem tão longe o facciosismo, que não vejam entre os manifestantes, os condes de Margaride, os Migueis Moreiras da Fonseca, e outros personagens da sua grey partidaria. Mas correm sobre elles a esponja da sua má vontade, e procuram tornar politica, a questão que só devia ser tratada segundo os principios economicos. E d'esta falta de orientação provém a celeuma que se levantou, o conflicto suscitado pelos especuladores, que não querem transigir n'um ponto, em que não ha necessidade da sua annuencia para a execução do contracto feito pelo governo com a companhia vinicola do norte.

E' conveniente que todos saibam, que nenhuma lei foi offendida, que nenhum direito foi prejudicado com a celebração d'aquelle contracto. E se estamos em erro, demonstrem-no, em vez de se preocuparem com atoardas, que não honram quem d'ellas faz cavallo de batalha. Venham. Discutam com gravidade o assumpto. A isso os provocamos, em face do diploma official.

Querem requesta mais franca e leal?

DESMENTIDO

Anda por tal modo desnorteada a opposição, que um tal sr. Romariz, commerciante de vinhos, ao orar n'uma reunião do Porto, declarou que o sr. presidente do conselho dissera á commissão em Lisboa, que mandára ouvir pelo governador civil o commercio da mesma cidade ácerca da conveniencia da companhia vinicola e em especial o sr. Andresen, e que o referido magistrado respondera que a medida não levantaria atrictos, e vae o sr. Andresen, apesar de não protestar contra a fraze, veio á imprensa contrariar o seu collega nos seguintes termos:

«O *Correio da Noite* publica um desmentido ao que disse Romariz na reunião dos commerciantes de vinhos, no sabbado, na Associação Commercial. Romariz apresentou as propostas do presidente do conselho na sua essencia; mas para chamar a attenção do presidente e elucidar o publico passo a citar as palavras textuaes de s. ex.ª

«Disse s. ex.ª que antes de firmar o contracto para a formação da companhia vinicola do norte, consultára o sr. conselheiro Corrêa de Barros, governador civil d'este districto, para saber se, a então projectada companhia levantaria attrictos ao commercio de vinhos do Porto, especialisando n'essa occasião a minha casa commercial, e a resposta que teve foi de que não podia haver nenhuma opposição por parte do commercio.

«Eu, em resposta a esta declaração, disse que não tinha sido consultado, apesar de me ter encontrado com o sr. Corrêa de Barros debaixo das Arcadas do Terreiro do Paço, parecendo-me tambem que era esse o seu dever de o fazer, porque assim se teria evitado este desastre.

«Em vista do que fica expendido, está provado que o que se passou perante o sr. presidente do conselho está em harmonia com as declarações de Romariz.—Porto 24 de dezembro de 1888.—*Andresen*, presidente da commissão de vigilancia do commercio de vinhos.»

Extraordinario, que o sr. Andresen venha desmentir o sr. Romariz, e que ache que o sr. Romariz fez declarações em harmonia com o que disse o sr. presidente do conselho. Extraordinario que tendo dito o sr. presidente do conselho que ouvira sobre o caso o sr. Correia de Barros, e que este lhe respondera que nenhuns atrictos se levantariam sobre o projectado contracto da companhia vinicola, venha agora o sr. Andresen accrescentar, que não fôra consultado, como se da conferencia com o governo se podesse inferir que o devesse ser.

Se o sr. Andresen não fosse inglez teria escripto a sua carta em termos a não admittir a conclusão contraria ás explicações que s. ex.ª deu na primeira parte da sua carta. O sr. presidente do conselho informou a commissão do Porto, de que havia perguntado ao governador civil, se a formação da companhia levantaria difficuldades na localidade, e que aquelle magistrado emittio a sua opinião, declarando que nenhumas poderiam suscitar-se, presumindo que o commercio licito não seria affrontado pela concorrencia da companhia. E isto mesmo se nos affigura ainda a nós, não obstante os protestos dos interessados, que pretendem ficar sós em campo, para exportarem os seus vinhos, embora entendam que não devam expol-os á apreciação de paladares escrupulosos, como os dos provadores de Berlim, onde o commercio do Porto não mandou as amostras dos seus productos.

Mas o que está provado, provadissimo até pela carta do sr. Andresen, é que as declarações do sr. Romariz foram incorrectas, e são por tanto insubsistentes, e que o sr. presidente do conselho não mandára ouvir o commercio de vinhos do Porto, e muito menos o mesmo sr. Andresen, ácerca da conveniencia ou da inoportunidade da formação da companhia vinicola. Isto é o que o proprio sr. Andresen nos veio dizer como preito devido á verdade, quebrando assim as armas que a opposição manejava já com rara inhabilidade, supondo que com ellas derrubaria a situação.

A questão como já aqui dissemos é de grandissimo alcance e muito superior aos interesses, pequenos ou grandes, de algumas casas commerciaes. Trata-se de salvar as regiões vinicolas do paiz, que são muitas e importantes. E não é quando se levantam conveniencias de tamanho tomo, não é quando se procura insuflar alentos a uma industria de tal valia, que se ha de fazer politica, pactuando com os que até aqui teem explorado a lavoura, fonte de toda a riqueza publica, taxando o preço nos mercados reguladores, e locupletando-se com o suor do agricultor, o que tem concorrido poderosamente para a enorme emigração que n'estes ultimos annos cresceu a ponto de ameaçar o nosso viver economico por falta de braços validos.

Isto é serio, muito serio, para que a especulação partidaria esteja a forragear no campo dos interesses vitaes do paiz, tentando baralhar a questão, como se o caso admittisse duas opiniões.

E depois queixa-se a opposição por que o paiz não a acompanha nas suas demonstrações contra o governo!

OS ACROBATAS

Os Analides dos *Debates* intrometteram-se churramente na questão da companhia vinicola, notando que o *Campeão* propugnasse a favor da agricultura nacional contra a especulação estrangeira. Patriotas estes Analides da democracia, que negam a Deus e renegam da liberdade.

Tambem os Analides depois da fuga do campo legal, aludem pela rama á questão das irmãs hospitaleiras, atribuindo-se o triunfo, visto que fazem a apologia da propaganda da diffamação, que foi uma das mais crapulosas e indecentes, de quantas a imprensa envilecida e torpe tem posto em obra, já que discutindo lisamente na arena dos principios seriam completamente derrotados. Pois á infamia dos Analides de cá bateram tambem palmas os Analides dos *Debates*. Uma comedia de foliões desastrados, que se aplaudem e felicitam em familia, já que não são capazes de honrar o paiz, deshonrando a civilisação.

O peor foi, que quem perdeu com isso não foi o *Campeão*, mas os pobres, cujo patrimonio se queria ver restituido aos que mercadejavam com o hospital, aos que lhe vendiam por bom preço generos, que depois tiveram de fornecer-lhe por menos de um terço do seu antigo custo.

Os pobres soffrem, mas os Analides exultam. Eis a differença. E no fim hão de ainda inculcar-se como defensores dos interesses e dos direitos do povo, que elles ultrajam, querendo insubordinal-o contra a moral publica e contra as leis do reino.

COMMISSÃO DISTRICTAL

RESUMO DAS DELIBERAÇÕES TOMADAS EM SESSÃO DE 21 DE DEZEMBRO DE 1888

Deliberou deferir os seguintes requerimentos:

De Anna Ferreira de Jesus, solteira, da freguezia de Eixo, concelho de Aveiro, admittindo no Azylo-Escola districtal, como desvalido, seu filho João, de 9 annos de idade;

De Emilia Roza, solteira, da freguezia da Vera-Cruz d'esta cidade, admittindo no mesmo Azylo, como desvalido, seu filho Jeronymo, de 9 annos de idade;

De Anna Maria de Jesus, solteira, do logar de Pinheiro, freguezia de S. João do Loure, concelho de Albergaria, admittindo, como desvalido, no mesmo Azylo seu filho Augusto, de 13 annos de idade;

De Thereza de Jesus, solteira, do logar de Arada, freguezia de S. Pedro das Aradas d'este concelho, admittindo como desvalido no mesmo Azylo seu filho José, de 9 annos de idade;

De D. Amelia Esteves dos Santos, viuva de José Coelho dos Santos, de Estarreja, admittindo como desvalido no mesmo Azylo seu filho Alberto, de 9 annos de idade;

E de Maria do Rozario, exposta, do logar de Aden de Cima, freguezia [illegible] Estarreja, admittindo como desvalido no mesmo Azylo seu filho Eugenio, aproximadamente de 7 annos.

Não uzou do direito de suspensão ácerca dos orçamentos suplementar da camara municipal d'Ovar, para o corrente anno, e supplementar para este mesmo anno e ordinario para o anno civil de 1889 da camara municipal de Aveiro.

NOTICIARIO

Boas-festas.—Estimamos que todos os nossos presados assignantes e bondosos leitores tenham as mais felizes boas-festas, em companhia de suas respeitaveis familias.

O Natal.—Tem sido sempre festejado em todo o mundo o Natal, com solemnidades pomposas nos templos, e com festas intimas nos lares. N'essa noite, tão consagrada pela egreja, como pela familia, em cada casa, na mesa coberta das ignarias destinadas á *consoada*, se ergue um altar, em roda do qual todos os parentes e familiares se reunem em fraternal convivio, para renderem graças ao Redemptor da humanidade, commemorando com alegres expansões o seu nascimento. Noite de encantos domesticos é esta, em que todos, novos e velhos, sentem igual praser, uns suspirando por douradas esperanças, outros relembrando saudosas recordações.

E as boas mães e as diligentes creadas, atarefadas na cosinha, preparam contentes os accepipes do estylo—bacalhau cosinhado de todos os modos e feitios, peixe de todas as especies, apetitosos bilheracos, rabanadas, cuscuréos e filhoses, etc., que todos, sentados á mesa, saboreiam com apetite, entre as libações do nectar das uvas.

E quem ha ahi que se resigne, na cidade ou na aldeia, na abundancia, na mediania, ou mesmo na pobresa, a deixar passar esta epocha sem *consoar* com os seus, em convivio familiar? Ah! A religião e a familia são os grandes élos que unem fortemente a humanidade, e por isso os costumes patriarchaes devem conservar a sua puresa, e concorrer para a moralisação da sociedade moderna.

Se a poetica *missa do galo* desapareceu com a civilisação, conservemos ainda a *consoada* com os seus encantadores attractivos, perpetuando assim jubilosamente a festa da Natividade do Deus salvador.

Festa dos ramos.—Dos mordomos eleitos este anno para servir nas confrarias do Santissimo Sacramento de ambas as freguezias da cidade, só recebeu o ramo á porta da sua casa, segundo as populares tradicções da nossa terra, o nosso amigo e muito illustrado sacerdote, o sr. padre Manuel Rodrigues Branco Junior, a quem coube o cargo de escrivão na irmandade da freguezia da Gloria. A' noite a sua casa, primorosamente adornada, e a sua meza, elegantemente posta, e bisarramente fornecida, estiveram francas aos seus numerosos amigos, que todos correram a abraçal-o com verdadeiro jubilo, felicitando-o pela sua festa, e congratulando-se com elle pela briosa e sympathica maneira por que soube manter e abrilhantar os antigos uzos do nosso bom povo.

Notas da carteira.—Chegou na terça-feira de manhã á sua casa da Oliveirinha o nosso distincto amigo, integerrimo desembargador da relação de Lisboa, e illustre deputado da nação, o sr. dr. Francisco de Castro Mattoso da Silva Corte Real, com seu filho o sr. dr. Fernando de Castro Mattoso, dignissimo sub-delegado do procurador regio n'uma das varas da capital. Foi ante-hontem ao Porto, mas regressou hontem á noite. Tem sido muito comprimentado pelos numerosos amigos e admiradores que conta n'esta cidade e no districto.

— Regressou já a esta cidade o nosso excellente amigo e muito digno governador civil do districto, sr. conselheiro Espergueira. O illustre magistrado voltou de perfeita saude, o que nos é extremamente grato, e o que sinceramente desejamos. Suas ex.mas esposa e filha demoram-se ainda alguns dias em Vianna.

— Veio passar a noite do Natal com sua ex.ma familia, o nosso sympathico amigo, o sr. Firmino de Moraes Ferreira, alferes de infanteria 10.

— Esteve ante-hontem em Aveiro o nosso respeitavel amigo, e habil advogado em Estarreja, o sr. dr. Manoel Barbosa de Quadros.

— Sahiu em goso de licença o meritissimo juiz de direito d'esta comarca, o sr. dr. Alexandre Maria de Souza Cortezão. Fica-o substituindo o sr. dr. Perdigão, digno juiz do tribunal administrativo do districto.

— Tambem partiu para Coimbra, onde foi passar as férias do Natal com sua ex.ma familia, o sr. dr. Francisco Augusto Lobo Castello Branco, integerrimo juiz do tribunal administrativo d'este districto.

— Veio a Aveiro, com sua ex.ma familia, o nosso illustrado amigo, e muito digno delegado do procurador régio na comarca de Anadia, o sr. dr. Jorge Couceiro da Costa.

— Regressou do Pinheiro da Bemposta, onde foi passar a noite do Natal com sua respeitavel familia, o nosso illustrado amigo, zelloso, activo e intelligente director das obras publicas d'este districto, o sr. Francisco da Silva Ribeiro.

— Tem estado em Carregoza, onde veio passar as festas do Natal com a sua familia, o muito respeitavel sr. Bispo Conde.

— Foi passar alguns dias á sua casa de Tondella o nosso illustrado amigo e digno escrivão e tabellião ajudante d'esta comarca, o sr. Antonio Dias da Silva.

— Partiu para Oliveira de Azemeis, em commissão de serviço publico, o nosso amigo e digno escrivão de fazenda addido á repartição districtal, o sr. Candido Maria d'Oliveira.

— Foi passar as férias do Natal a Salreu, com sua ex.ma familia, o nosso illustre amigo e distinctissimo professor do lyceu nacional d'esta cidade, o sr. Albino Dias Ladeira de Castro.

Circumscripção hydraulica.—Para substituir na direcção d'esta 2.ª circumscripção hydraulica o distinctissimo engenheiro e nosso respeitavel amigo o sr. conselheiro Adolfo Loureiro, que tem exercido esse logar com inexcedivel benemerencia, parece que foi nomeado o sr. Luciano Simões de Carvalho, que é tambem um notavel ornamento da engenheria portugueza.

O sr. Adolfo Loureiro, além de ser uma verdadeira notabilidade pelo seu talento e pela sua profunda e vasta illustração, é tambem um eminente patriota, que consagra toda a sua actividade, e sacrifica todos os seus ocios á realisação dos mais importantes melhoramentos publicos. Não quiz deixar, nem realmente deixou esta circumscripção hydraulica, sem a dotar com muitas e notaveis obras, e sem deixar completos os projectos e orçamentos de muitas outras. Brevemente faremos a sua enumeração, em que avultam a reconstrucção do Caes do Cojo, do Caes da Praça do Peixe, do Caes da Malhada dos Santos Martyres, a abertura do esteiro do Cojo á Estação do Caminho de Ferro, a rectificação da margem da ria d'Ilhavo e Vagos, a Ribeira d'Ovar, o Caes de Agueda, o dissecamento do pantano de Valle de Arruge, etc. Pena foi que a sua assombrosa aptidão se não podesse applicar com a indispensavel demora ao melhoramento da nossa barra, cujas obras em construcção, e projectadas, a experiencia de longos annos tem provado serem em grande parte prejudiciaes, e no resto inuteis. Cada vez se torna mais urgente fazer uma revisão conscienciosa ao plano d'essas obras, reformal-o ou substituil-o, e pôr depois esse novo plano em immediata execução.

O nosso illustre collega o *Parlamento* está tractando esta questão gravissima com reconhecida proficiencia. Chamâmos para esses notaveis artigos a attenção dos poderes publicos.

Aposentação.—A camara municipal d'este concelho, na sua ultima sessão, e por proposta do digno vereador o sr. Antonio Eusebio Pereira, deliberou por unanimidade instaurar o respectivo processo para a aposentação do facultativo de partido sr. João Maria Regalla, que tem mais de 85 annos de idade, e 33 annos de serviço, que já há muito está aposentado como facultativo do hospital da Misericordia e do Montepio dos artistas, e que está inteiramente impossibilitado de trabalhar, por falta de vista e de ouvido, e por outros achaques.

Esta deliberação satisfaz a uma necessidade publica urgentemente reclamada pelos povos, que não pódem nem devem estar privados dos soccorros medicos, que pagam.

Melhoras.—Estão melhores dos seus incommodos, o que sinceramente estimamos, os nossos bons amigos os srs. Manuel Nunes da Silva e Luiz Nunes Freire, que ha tempos haviam dado uma perigosa quéda por desastre do seu carro na estrada de Cacia.

Providencia necessaria.—Na povoação da Togeira, que é situada no extremo sul da Palhaça a cuja freguezia pertence, raríssimas são as pessoas que levam a existencia além dos 50 annos, vivendo quasi sempre atrophiadas pelas doenças. A côr dos seus habitantes é sempre má, e a construcção de todos é pouco robusta.

Crê-se que a má agua que ali se bebe é origem unica do mal estar d'aquella pobre gente, pois que todos se alimentam de umas nascentes que brotam de baixo d'uns pinheiros—perfeita agua de charco, que não póde ser salubre, que ha de necessariamente prejudicar a saude e a existencia de quem com ella se alimenta.

Ao conhecimento da camara chegou ha pouco a noticia. Deu-lh'a com pronunciado sentimento um respeitavel ecclesiastico d'ali o sr. Manuel Simões Capão. A camara mandou logo examinar o terreno e as aguas e em vista das informações que recebeu, chegou á conclusão, de que são effectivamente as más aguas que ali se bebem o que prejudica a saude dos habitantes do logar. Em vista d'isso ordenou-se que sem demora e logo que o tempo [illegible] se procurasse [illegible] uma fonte, cujas aguas sáam limpas e salubres da nascente, extinguindo assim o mal que tantas victimas tem feito.

E' para sentir que á municipalidade se não desse conhecimento do facto ha mais tempo, pois que ha muito teria providenciado se soubesse o que ali se passava; se ha mais tempo tivesse conhecimento do mal estar d'aquella povoação.

Syndicancia.—O nosso illustre amigo, zelloso e intelligente commissario de policia fiscal d'este districto, o sr. Antonio Maria Alves da Rosa, foi superiormente incumbido de ir a Vizeu proceder a uma syndicancia ao corpo de policia fiscal d'aquelle districto. Consta-nos, pelos jornaes d'aquella cidade, que o distincto funccionario se desempenhou com notavel integridade d'essa importante e grave commissão de serviço publico, dando assim, mais uma vez, prova dos seus elevados meritos e do seu bello caracter.

Transferencia.—Requereu a sua transferencia para a comarca da Figueira da Foz o digno delegado do procurador regio n'esta comarca, o sr. dr. Alberto José da Silva e Sousa Leitão.

Novo edificio districtal.—A commissão executiva da Junta Geral d'este districto já contractou com a proprietaria confinante pelo sul do edificio das repartições publicas que se anda construindo no largo do Terreiro, a abertura de portas e janellas para aquelle lado, com uma servidão de transito da largura de 1,m50 em toda a extensão do nascente e poente. E para completar este importante melhoramento a camara municipal d'este concelho acaba tambem de contractar com a mesma proprietaria a expropriação da parte restante do predio, para a abertura d'uma rua n'aquelle sitio.

Desastre.—O filho mais novo do nosso amigo o sr. Manuel Anthero Baptista Machado, digno escrivão pagador das obras publicas do districto, andando ha dias a brincar com outro companheiro de folia, entendeu e mais este ultimo, que a polvora era excellente para fogos d'artificio; e aproveitando as escadas do quintal para scenario de pirotechnia, chamuscou a cara por tal modo, que ao principio se suspeitou que ficaria cego. Felizmente tisnou-se-lhe apenas a pelle tanto das faces, como da testa, com o que o pequeno esteve sériamente encommodado, mas sem resultados mais graves, o que seria de grande desgosto para os paes.

Que o facto sirva de exemplo aos da sua edade. E' sempre máu que as crianças brinquem com polvora, e quando o fazem, raro é aquelle que não [illegible] desastre.

Arrematação.—Arrematou-se no [illegible] a Commissão executiva [illegible] Geral o fornecimento do alg[illegible] materiaes para as obras do edifi[illegible] repartições publicas.

Troca de numeros.—No concelho de Aveiro fizeram-se dez trocas dos numeros sahidos no sorteio para o serviço militar.

Foram o n.º 5 pelo n.º 10 da freguezia de Requeixo; o n.º 6 pelo n.º 17 da Palhaça; o n.º 1 pelo n.º 12 de Arada; o n.º 6 de Requeixo pelo n.º 17 da Oliveirinha; o n.º 1 pelo n.º 26 de Requeixo; o n.º 6 da Vera-Cruz pelo n.º 12 da Gloria; o n.º 5 da Palhaça pelo n.º 18 da Vera-Cruz; o n.º 6 pelo n.º 26 de Arada; o n.º 3 pelo n.º 35 da Vera-Cruz; e o n.º 6 da Gloria pelo n.º 25 da Oliveirinha.

Consta-nos que o maior preço d'estas substituições não excedeu muito a importancia das remissões antigas. No concelho de Estarreja é que esse preço subiu a 500 e 600 mil reis.

Novo sorteio.—A reclamação d'um dos interessados, foi annullado pelo tribunal administrativo d'este districto o sorteamento militar a que se procedeu no concelho d'Ilhavo, por irregularidades que influiram no resultado final. O accordão de annullação designou o dia 10 de janeiro proximo para o novo sorteio. Haviâmnos dito que o motivo da nullidade era a falta de sorteio especial para a armada, mas foi inexacta essa informação. No concelho d'Ilhavo não tinha de haver dois sorteios, porque o contingente para a armada estava já prehenchido com o alistamento de dois voluntarios do anno passado.

Ponte sobre o Vouga.—Já está submettido á apreciação da Junta Consultiva d'Obras Publicas e Minas o projecto d'esta importante ponte, elaborado pelo habil e dignissimo director das obras publicas d'este districto, o sr. Francisco da Silva Ribeiro. E' um trabalho notavel, e que faz honra á engenheria portugueza sobre tudo pela novidade e economia do systema adoptado. O custo da obra está apenas orçado em réis 55:000$000, quando até agora se suppunha que não poderia importar em menos de 300 contos. E' assombrosa esta differença.

Os tres bemoes.—Como dissémos, no domingo e terça-feira passados appareceram ainda no nosso theatro estes tres notaveis e primorosos artistas.

[illegible] estava quasi toda cheia, e cremos que todo Aveiro assistiu aos tres brilhantes espectaculos.

Na verdade aquelles bons artistas são dignos de todo o favor, e os seus trabalhos realmente apreciaveis.

Todas as composições foram executadas com irreprehensivel correcção, sendo muitos d'elles visados e freneticamente applaudidos.

Os tres bemoes são tres notabilidades, verdadeiramente incontestaveis, tres distinctissimos [illegible] originaes graciosissimos.

*

A direcção providenciou sobre o que pedimos, e adoptou mesmo medidas que são muito para louvar. A prohibição de entrada nos dois atrios do theatro a quem não for munido dos respectivos bilhetes, é realmente uma resolução acertada e digna dos applausos de todos. Sempre que tão sensatamente proceda, teremos o maior prazer em ser dos primeiros a louval-a.

*

Justos para com todos, como procuramos ser sempre, cumpre-nos dizer que a orchestra d'esta vez se levou em brio e manifestou em muitas execuções de quanto é capaz a bôa vontade de agradar. Foi até aplaudida e algumas vezes bisada. Folgamos com isso e oxalá que assim vão sempre, esta e todas, para sempre podermos ser-lhes agradaveis.

Orçamento districtal—Por despacho de 18 do corrente declarou o governo que não suspendia a deliberação da Junta Geral d'este districto que approvou o orçamento ordinario districtal para o futuro anno civil de 1889, que assim se tornou definitiva.

Quartel de Sá.—A pedido da camara municipal d'este concelho vai proceder-se, pela direcção das obras publicas, ao rebaixamento do leito da rua fronteira ao novo quartel de cavallaria 10, em Sá.

O preço da carne.—Vae subir o preço da carne nos talhos da cidade 20 reis em kilo. Os fornecedores d'este genero queixaram-se de que estavam perdendo muito, vendendo-a pelo preço de 200 reis, e a contar do 1.º de janeiro o preço será de 220. A' camara cumpre providenciar sobre o caso, se vir que há excesso no pedido, ou falta de fundamento nas queixas.

Desabamentos.—Em consequencia da invernia d'hontem desabaram duas casas: uma terrea e de habitação do sr. José Nunes, da travessa do Loureiro, que felizmente não estava lá nem a familia, senão seriam victimas do desastre; e a outra a que o nosso estimavel amigo, o sr. João Tavares Avelino, anda a construir perto do Senhor das Barrocas.

Policia da ria.—Constanos que fôra nomeado para dirigir a policia da ria de Aveiro, Mira e Vagos, o sr. João Coelho de Sampaio.

Principio d'incendio.—Na noite de 27 ia havendo fogo em casa do nosso estimavel amigo, o sr. Visconde da Silva Mello, em consequencia d'um foguete se ter introduzido n'uma persiana da janella da rua. Felizmente foi logo apagado pelos visinhos, que acudiram pressurosos a prevenir s. ex.ª

Desgraças em Paiva—Informam-nos d'alli que na freguezia de Bairros foi ha dias morto, accidentalmente, com um tiro de pistola o jornaleiro Francisco Moreira. A pistola foi disparada por um menor, que a justiça prendeu já, n'uma taberna em que se procedia á rifa de um galo. O rapaz tirara a arma criminosa da jaqueta de um dos assistentes, e examinava-a curiosamente quando o tiro partiu.

— Em Midões, quando á noite recolhia a casa com duas filhas, o proprietario Thomaz de Souza, ao passar por um caminho sobranceiro ao Douro, escorregou e foi levado com a corrente. Uma das filhas, boa nadadora, atirou-se ao rio agarrando-se-lhe, mas não appareceram mais. Aos gritos da outra accudiu toda a gente da povoação, que em vão percorreram o rio em todas as direcções.

Tempo.—Estamos de novo a braços com a tempestade. Choveu hontem constantemente e o vento soprou rijo do S. O. em todo o dia e noute. Temos tido um inverno bravissimo, como os velhos dizem que não viram ha muitas dezenas d'annos, mas bravera é esta que não prejudica a agricultura, que tem feitas as sementeiras do tempo, e que vê crescer as alimentações dos gados por um modo poucas vezes presenciado, visto que quasi sempre, n'esta epoca, eram as neves que lh'as comiam. Vae bem por conseguinte para a agricultura, que é o ramo principal da industria patria.

Hoje está melhor o tempo.

Mercado de gado.—O gado bovino continua a ter procura e a ter sahida. Boi gordo ou quasi gordo tem venda prompta e compensativa do trabalho d'alimentação e do trato que teve. Folgam por este lado tambem os agricultores, que ainda ha pouco, porque faltou a exportação do nosso gado para o estrangeiro, [illegible] em melhores condições.

Mercado de sardinha—Ainda não ha falta d'este genero. Da que foi pescada no nosso litoral ha pouca já, mas como a pesca das lanchas poveiras foi abundante é d'esta que mais aparece no mercado, sendo o seu preço de 2:000 reis o milheiro. A que ainda ha das pescas costeiras tem o preço de 1:400 reis o milheiro.

Mercado de sal.—Continua a sahir sal pelo caminho de ferro; apesar porém da exportação que por aquelle modo se está fazendo, o preço do genero é ainda nas eiras o de 22:500 e 23:000 a medida de 15.000 litros [illegible] antigo barco.

Loteria de [illegible]—Logo que se soube em San Sebastian de Biscaia que fora alli vendido o bilhete em que sahira a sorte grande de Hespanha, A *Voz de Gulpuzcoa* publicou um supplemento, cujos exemplares eram arrebatados aos vendedores. Um decimo d'esse bilhete fôra mandado para Bordeus, mas os restantes venderam-se ali. Até agora sabe-se que possue um decimo um criado do café da Marina, que entrou n'elle com 39 pesetas, tendo dado 5 pesetas de participação ao dono do estabelecimento, outras 5 a um mestre escola e uma a um moço do mesmo café. Outro decimo foi adquirido por uma sociedade de diversos operarios. A approximação posterior foi vendida para Badajoz.

O segundo premio da loteria sahiu aos operarios da officina de machinas da estação do Arrabalde, da Companhia do Norte, em Saragoça. O bilhete inteiro foi dividido por mais de cem familias. A participação maior era de 20 pesetas e a minima de 10 reales, tendo-se tambem subdividido muitas das referidas participações.

Ao principio, os agraciados com o premio não quizeram acreditar na noticia, mas depois, ao terem a certeza, suspenderam o trabalho e entregaram-se a ruidosas expansões de alegria. O depositario do bilhete foi acompanhado pelos seus amigos e compartes até sua casa, onde o acontecimento foi celebrado como merecia.

A rua achava-se cheia de mulheres, muitas das quaes tinham parte no premio. Por infelicidade para os portuguezes para o paiz não veio nada d'esta vez.

Serviço humanitario.—Os bombeiros voluntarios da Figueira da Foz realisaram ultimamente experiencias praticas com aparelhos de soccorros a naufragos, no paredão junto ás obras d'aquella barra. Foi lançado um foguete que atingiu uma distancia de quatrocentos metros, e estabelecido um cabo de vae-vem.

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes:

— O n.º 163 da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*—*A Mulher*, por Marques Gomes.

— Uma bella oleographia, offerta da empreza da magnifica publicação de modas—*A Moda Illustrada*.

A desgraça do tunnel do Barracão.—Recebemos pormenores ácerca do salvamento dos trabalhadores soterrados no tunnel do Barracão, no caminho de ferro da Beira Alta. Os homens que tinham ficado entaipados davam sigi[illegible]dente de vida, respondendo sempre com sete pancadas, o que era conforme a senha de todos os mineiros, manifestação de que sete homens existiam vivos lá dentro. Como se ignorava a distancia aterrada, e o som das pancadas de dentro parecia aproximar-se, era affirmado pelos proprios intibadores, que esperavam d'ahi a 6 horas e três quartos encontrarem os infelizes. A hora marcada e tão appetecida soava sem que os homens apparecessem, e o que era peior é que então novos obstaculos se apresentavam. Assim, já sem esperança talvez, mas corajosos sempre e activos todos, trabalhavam denodadamente, até que pelas 3 horas da tarde de quarta-feira 19 se ouviu distinctamente a palavra dos sete desgraçados, os quaes diziam:—«Todos vivos e animados; fome não sentimos, se temos é sede, e queremos um baralho de cartas para jogar a bisca.»—Finalmente, pela 1 hora da noite d'esse dia, quarta-feira 19, os sete entaipados, incolumes, sahiram d'aquella tão triste posição! Não se descreve a alegria que em todos os rostos transluziu, porque, quando se esperava ter de tirar algum cadaver, talvez até despedaçado, viram sete homens alegres, animados, cheios de vida, a não serem dois que vinham relativamente abatidos. Depois dirigiram-se a casa do empreiteiro Regaldi, onde lhes foi presente um caldo de gallinha, frangos assados, marmellada, vinhos, etc., de que se serviram, e com o que recuperaram as forças que necessariamente lhes faltavam. Durante a refeição contaram que não sentiram fome, e que nunca desesperaram, apesar de julgarem que o tunnel tinha abatido todo até onde estavam. O facto, pois, resume-se: ao tunnel do Barracão produzir-se um grande desprendimento de terreno, obstruindo completamente a galeria d'avançamento, onde se achavam os sete trabalhadores, devido, ao que se suppõe, a uma bolsa d'agua.

Despachos de justiça—Verificaram-se os seguintes:

Bacharel Henrique José Pereira, nomeado conservador em S. Thyago de Cacem.

Bacharel Arthur Aguedo de Miranda, nomeado sub-delegado em Faro.

Bacharel Manuel Maria de França, exonerado, como requereu, de sub-delegado na Figueira da Foz.

Bacharel Levy Marques da Costa, nomeado sub-delegado da 1.ª vara de Lisboa.

Bacharel José Gabriel Bernardo Fernandes, nomeado para servir tres annos o logar de juiz municipal do Cadaval, comarca de Alenquer.

Bacharel Egydio Herculano Malheiro Correia Brandão, juiz municipal do julgado de Espozende, na comarca de Barcellos, transferido, como requereu, para identico logar no julgado de Villa Nova de Cerveira, comarca de Valença.

Bacharel Gaspar de Queiroz Ribeiro de Almeida e Vasconcellos, juiz municipal de Villa Nova da Cerveira, comarca de Valença, transferido, como requereu, para identico logar no julgado de Espozende, comarca de Barcellos.

Bacharel Manuel José Dias Salgado e Carneiro, juiz de direito de 2.ª classe, servindo na comarca de Trancoso, promovido a juiz de 1.ª classe e nomeado para Ovar.

Bacharel João de Caires, juiz municipal de Cezimbra, comarca de Palmela, transferido, como requereu, para o de Obidos, comarca das Caldas da Rainha.

Miguel dos Santos Martins e Arthur Paulo Rodrigues, nomeados para servirem por tres annos, segundo a ordem de nomeação, os cargos de substitutos de juiz municipal de Obidos.

Francisco Manuel da Costa Campos, nomeado sub-delegado no julgado de Obidos,

Francisco Manuel de Moraes, nomeado escrivão do julgado de Obidos.

João Pedro de Carvalho, nomeado para servir por tres annos o cargo de substituto do juiz municipal do Cadaval.

Adelino Augusto Pereira Bahia, *nomeado sub-delegado no Cadaval.*

Gabriel Maria da Silva Ramos, nomeado escrivão do julgado do Cadaval.

Cesar Augusto Bello, escrivão da 5.ª vara de Lisboa, no impedimento de Antonio Maria Patricio Alvares, transferido para identico officio na 6.ª vara, na mesma comarca, no impedimento de Feliciano José Paes.

Antonio Maria das Neves Vidal, escrivão e tabellião em Cintra, no impedimento de Bento Pereira da Costa, transferido para escrivão da 5.ª vara de Lisboa, no impedimento de Antonio Maria Patricio Alvares.

Francisco José de Sousa, nomeado escrivão e tabellião em Cintra, no impedimento de Bento Pereira da Costa.

Despachos de correios e telegraphos.—Effectuaram-se os seguintes:

Marçal Rodrigues Morgado, demittido do logar de distribuidor supranumerario do concelho de Soure, por se ter recusado a fazer serviço.

Maximino Coelho, idem, idem.

Ignacio Pires Lavado, aspirante auxiliar da direcção telegrapho-postal de Beja, transferido, por conveniencia [illegible] da Rainha.

Augusto Simões da Conceição, aspirante supranumerario da direcção telegrapho-postal de Aveiro, transferido, pelo requerer, para a direcção de Vizeu.

José Pedro Gomes, nomeado pharoleiro supranumerario do districto do Porto.

Angelo Duarte Canellas, nomeado distribuidor supranumerario do concelho de Penella.

Luiz Maria Mourinha, nomeado guarda-fios supranumerario do districto de Evora.

A mulher emancipada.—A Escola de medicina de Paris acaba de conferir o grau de doutor a uma rapariga polaca muito formosa e muito intelligente, Mlle Carolnia Schultze, que segundo parece, fêz um curso distinctissimo, obtendo classificações magnificas.

A defeza de these de Mlle Schultze que teve por thema—«a mulher medico no seculo dezenove», deu origem a um debate interessantissimo, em que tomou parte, na qualidade de membro do jury, o eminente Charcot.

As escolas portuguezas de medicina contam no numero dos seus alumnos, algumas jovens que, como Mlle Schultze, se preparam para o doutorato. Quando o nome de Charcot não bastasse para attrahir a attenção do leitor portuguez, aquella circumstancia bastaria para tornar interessante a discussão d'um assumpto que mais de uma vez tem sido tratado em jornaes do paiz.

Mlle Carolina Schultze sustentou brilhantemente a sua these, recheiada de estatisticas tendentes a provar que a mulher medico prestou e è chamada a prestar eminentes serviços á nossa pobre humanidade.

Lida a these em presença de um publico numerosissimo, constituido em grande parte, escusado é dizel-o, de jovens candidatas, levantou-se Charcot e, em meio de uma attenção fremente, pronunciou um pequenino e delicioso discurso.

«Mademoiselle, disse elle, se o seu fim foi provar a capacidade intellectual da mulher, a coragem de que é susceptivel, a instrucção que póde adquirir quando o queira, só tenho elogios a fazer á sua these. Deixe-me no entanto dizer-lhe que, quanto a isso, nada nos revelou de novo; sabiamos já que a mulher, superior ao homem sob tantos aspectos, era como elle capaz de um grande numero de manifestações intellectuaes. Mas se o seu fim foi provar que a medicina é uma profissão tão feminina como masculina, não posso deixar de me insurgir contra uma tal pretensão. A mulher medico ha de ser sempre uma excepção. Mulheres excepcionaes, ha-as em todos os generos, nas artes, nas sciencias, na litteratura. Ha mesmo mulheres que cingiram as armas, e comtudo o officio não é precisamente o que mais convém ao vosso sexo.

E o que é mister notar é que quando as mulheres se empenham em exercer uma profissão que só convém aos homens, nunca se sujeitam a um papel secundario. Querem representar os grandes papeis. Fallei das mulheres guerreiras: essas mulheres, como sabe, representaram o papel de generaes, nunca o de soldados. Agora, vem as mulheres medicos: saidas das escolas, ambicionam logo logares de interno nos nossos hospitaes, e tempo virá, vel-o-hão, em que hão de exercer a do-se de ir curar os doentes das nossas aldeias. Estas pretensões são exorbitantes, porque são contrarias á propria natureza das cousas. São contrarias á esthetica.

E sorrindo, o mestre inclina-se ligeiramente e accrescenta:

«V. ex.ª é formosa; pois bem: suppõe que certas partes da medicina, sob o ponto de vista do exercicio d'essa arte, convenham á sua gentileza e ao seu trajo?»

E' inacreditavel o que o publico riu ao ouvir isto.

Charcot continua a desenvolver com muito espirito, a these de que a mulher medica constitue uma excepção, concluindo por felicitar a joven doutora, sem comtudo partilhar das idéas que ella advoga.

Isto quanto ás medicas. As mulheres advogadas começam tambem a levantar celeuma. Por ora ainda estamos livres d'este novo genero de emancipação feminina. Em Bruxellas, Mlle Popelin, tendo concluido o curso de direito, propoz-se a entrar no fôro. O tribunal de appellação negou-lhe esse direito e ella que não é mulher de desalentos, vae recorrer para Paris.

Figure-se isto: mulheres de toga!

E paroxismatico. Este fim de seculo em convulsões; mulheres advogados, mulheres engenheiros, mulheres medicos, e não tardará que as mais nobres funcções do homem sejam usurpados por essa creatura fragil, a pretexto de que o seu sexo tambem tem direito á emancipação.

Um jornal fallado.—Edison, o celebre inventor, vae fundar um jornal fallado com o auxilio do seu novo phonographo. Por mais inverosimil que esta noticia possa parecer, assegura-se que a *Edison Talking Newspaper Company*, que deve publicar o novo jornal, já está constituido. O jornal fallado não será sómente util ás pessoas que não sabem lêr; sem se incommodar e emquanto almoça, o assignante poderá saber as noticias do dia pelo seu phonographo. Sabe-se que Edison inventou um novo instrumento o phonogramma, para a troca de correspondencias commercial. Esse precioso invento substitue perfeitamente os secretarios. O commerciante que tiver de escrever uma carta não tem mais do que dictar ao sen phonogramma o que quizer dizer.

O apparelho registra n'uma folha de papel d'uma composição especial, não sómente cada palavra pronunciada, mas tambem todas as intonações que se derem á voz. Terminado o dictado, o commerciante retira do seu phonogramma a folha de papel e manda-a, como uma carta, ao seu correspondente. Este colloca a folha de papel no seu phonographo e não tem mais do que escutar. O principio do jornal fallado é o mesmo. Edison achou, segundo parece, meio de reproduzir as folhas do phonogramma na razão de 20:000 exemplares e mais, por hora. Estas folhas, que conterão as noticias do dia, serão distribuidas todas as manhãs nos domicilios, como os jornaes. Bastará collocal-as n'um phonographo para se ouvir a narração dos factos interessantes. Demais, o jornal fallado poderá fornecer aos seus assignantes, não só a noticia das representações theatraes, mas tambem a reproducção exacta de tudo que se passar na scena, os applausos, as interrupções, etc. Pelo menos é o que consta, mas não se garante coisa alguma.

Tumultos n'uma redacção.—Ha duas noites foram invadidas a redacção e officinas da *Correspondencia Militar*, de Madrid, por um grupo de officiaes do corpo de estado maior, que ali foram pedir explicações de um artigo vehemente e injusto, epigraphado *Aves de paso* (passaros de arribação), publicados no mesmo jornal no dia 12. Na redacção estava apenas um redactor da folha, que ficou passado de terror e tremendo como varas verdes. Os invasores insultaram-o, esfregando-lhe a cara com um dos numeros do jornal em que vinha o artigo despedaçaram as mesas, e tudo que havia na redacção, destruindo toda a papelada. O director do jornal estava ausente. Sua esposa, que se achava nos aposentos contiguos, cuidando de duas filhinhas gravemente doentes, ao alarido desmaiou. As officinas não escaparam á destruição. Prevenido o governador civil dirigiu-se immediatamente á rua de S. Luiz e prendeu os amotinadores, soltando-os, porém, logo que com elles saiu da redacção. A rua estava apinhada de povo. Vae instaurar-se processo contra os atacantes.

A QUESTAO VINICOLA NA ITALIA E EM PORTUGAL

E' do *Jornal da Manhã* o seguinte artigo:

O nosso sollicito correspondente da capital alludia na sua carta de hontem, a um artigo das *Novidades* que se referia ao que succede na Italia relativamente á questão vinicola que tambem lá agita a opinião. Esse interessante artigo é o seguinte:

NA ITALIA

«Um lance de olhos pelo que succede *lá fóra*. A situação caseira não póde deixar de tirar lição d'isso.

A Italia atravessa actualmente uma grave crise vinicola. A's causas geraes, que restringem a exportação de vinhos em todos os paizes productores, accresce para ella uma causa especial, e muito importante. Em consequencia da ruptura do regimen convencional com a França, que data de 1 de março, o commercio de vinhos de exportação teve na Italia uma baixa de cerca de cincoenta por cento.

Não se deitam lá a dormir, esperançados e confiados na expansão, que o commercio livre póde conquistar. No dia 2 do corrente, e a convite do ministro da agricultura, o sr. Grimaldi, houve em Roma uma reunião de commerciantes e productores. Lá, os commerciantes não fizeram logo causa á parte, como succedeu com os nossos que se recusaram a cooperar na exposição de Berlim! E' que os italianos regem-se por uma cartilha differente da do sr. Andressen.

A essa reunião presidiu o ministro da agricultura, assistido do sr. Ellena, sub-secretario de estado n'esse ministerio do sr. Miraglia, director geral de agricultura, do sr. Castorina, director das alfandegas, do sr. Toaldi, presidente da associação vinicola, de muitos senadores e deputados, e dos directores ou representantes das grandes casas exportadoras de vinhos italianos.

O congresso, convidado pelo ministro, a formular as propostas necessarias para acudir á crise vinicola, approvou em primeiro logar a seguinte, apresentada pelo sr. G. Ostini:

«Creação d'uma companhia de commissão e credito, que acredite (ajusta fama») e espalhe no estrangeiro os vinhos italianos fabricados pelos grandes proprietarios já existentes e pelas actuaes casas de exportação, ficando obrigada a estabelecer por sua conta depositos, agencias de publicidade, e caixeiros viajantes.

Compromisso do estado de garantir ao capital inicial d'esta sociedade um juro de 2 0[0.»

Isto passava-se em Roma a 2 de dezembro. Simultaneamente, discutiam-se em Lisboa as bases para a formação de companhias vinicolas analogas, e em 5 assignava-se o contracto *provisorio para a companhia do nórte!* Nem o governo de Lisboa sabia do que se passava em Roma, nem o governo de Roma sabia o que se passava em Lisboa. E todavia, diante das mesmas necessidades, accordaram-se na mesma solução.

Lá, como cá, reconhece-se a necessidade de companhias vinicolas, que tenham a seu cargo sustentar a justa fama, dos vinhos, abrir-lhes mercados novos, estabelecendo agencias, e depositos ou exposições permanentes. Lá como cá, reconhece-se a necessidade de subsidiar estas companhias; sendo que em Italia se propõe o subsidio de 2 0[0 e em Portugal se contractou um subsidio, menor, pois que não passa de 1 e meio por cento.

A differença capital é outra. Em Italia os commerciantes fizeram causa com os productores, considerando solidarios os seus respectivos interesses; em Portugal, os commerciantes (uma parte) declaram-se em antagonismo com os productores, que querem sacrificar desalmadamente a egoismos mal entendidos. Em Italia, julga-se que a união faz a força e a prosperidade de todos; em Portugal, ha quem entenda e quem sustente, que a riqueza d'uns só póde conseguir-se com a miseria dos outros. Tambem até agora nos consta que na Italia tenha apparecido imprensa para condemnar asperamente em nome do bom direito, da boa economia politica, e da boa administração aquella orientação de ideas em que todos se pozeram de accordo. Nós essa gloria.

Não foi só isto. O [illegible] de onde estamos extractando es[illegible] acrescenta outras, de maldo acommodadas á nossa situação, que mais parece escripto [illegible] o que se passa em Portugal [illegible] relatorio d'um congresso em Roma. Vamos traduzir:

O sr. M. Pini, director da Sottimana vinicola, sustentou as opiniões já desenvolvidas em varios artigos, no mesmo jornal e no *Corrieri di Napoli*. Segundo elle, e em vista da restauração viticola da França, a Italia deve tratar de fabricar typos especiaes de vinhos, que possam procurar consumo directo nos diversos mercados do mundo.

«Na opinião de M. Pini é indispensavel recorrer á intervenção do estado, para que dê subsidios e premios a companhias, que comprem o vinho nas differentes regiões, e que os unifiquem, em determinados typos de vinhos de exportação e consumo directo.»

E' impossivel imaginar-se um parallelo mais rigoroso e verdadeiro entre a situação da Italia e de Portugal, entre o que lá se pensa e o que se trata aqui de executar. O governo portuguez tomou a dianteira, e em vez de imitar, já póde servir de exemplo. Pois essa iniciativa, ha patriotas e publicistas, que lh'a lançam em rosto como um acto de pessima administração e de politica pouco saudavel, justificativa de todas as desordens!

Seja tudo pelo divino amor de Deus!

OS DESPOJOS D'UMA RAINHA

VIOLAÇÃO DE UM CAIXÃO REAL

Soube-se que tinha sido violado o caixão da rainha D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV.

Foi participado o caso ao 1.º districto criminal de Lisboa, sendo levantado o auto pelo sr. juiz Pereira Leite, delegado Albertino da Costa e escrivão Moreira, com a assistencia dos peritos Adriano Pinto Soares e Francisco Paula Leite.

Antes de passarmos a dar noticia d'este caso, não podemos fugir a apresentar, embora resumidamente, alguns apontamentos biographicos da celebre rainha.

*

D. Luiza Francisca de Gusmão era filha de João Manuel Peres de Gusmão, oitavo duque de Medina Sidonia, e de D. Joanna Sandoval, filha de D. Francisca de Sandoval y Royas, cardeal e duque de Lerma, e da duqueza de Lacerda. Descendia, portanto, por sua mãe, dos Borgias de Italia e dos duques de Medina Cœli. Nasceu a 13 de outubro de 1613, na cidade de Barrameda. Conta-se que os duques de Medina Sidonia tinham captivo um mouro de origem nobre e que dizia ler nos astros o futuro das coisas da terra. Este mouro vaticinou que a pequenina duqueza viria ainda a ser rainha.

Effectivamente, o mouro acertára. Em 1631, contando D. Luiza 18 annos, começou-se a tratar do seu casamento com o duque de Bragança, D. João, segundo de nome, e herdeiro natural ao torrão portuguez, então usurpado pelos leões de Castella.

Empenharam-se muito em tal casamento D. Francisco de Mello, ainda parente do pae de D. Luiza, e o pae d'esta, o qual era valido do conde-duque de Olivares, ministro de Filippe IV. O tratado de casamento foi concluido em janeiro de 1632, e dado a publico em 17 de novembro do mesmo anno. A 3 de janeiro de 1633 partiu D. Luiza de Gusmão, de S. Lucar de Barrameda, com destino a Portugal, ao mesmo tempo que o duque de Bragança se dirigia ao seu encontro para Elvas. Vejamos o que diz o sr. Beneviles no seu magnifico trabalho *Rainhas de Portugal*:

«Iam n'este prestito: um coche de velludo encarnado e ouro e pregaria de prata, com ferrageus douradas, puxado a seis mullas; uma bella e rica carroça, feita em Roma, lavrada com grande primor, de velludo negro e encarnado, bronzes dourados, com muitos cordões, borlas e flores de ouro, tirada a seis cavallos russos; uma liteira de velludo carmezim com pregaria dourada sobre passamanes de ouro; uma cadeira de mãos e dois bellos cavallos, para a duqueza, com ricos arreios e gualdrapas. Não era de menos de oitocentas pessoas a comitiva que seguiu o duque a Elvas».

No dia 12 de janeiro entrava D. Luiza em Elvas, sob uma chuva torrencial. Na Sé commungaram e casaram sob a benção do bispo sr. Sebastião Mattos de Noronha, em cujo palacio se hospedaram.

No tomo VII, cap. I da *Historia genealogica da casa real*, lê-se o seguinte ácerca do trajo de D. Luiza de Gusmão:

«Vestia cota inteiriça de quatro mangas, sendo duas cahidas, de pontas cortadas quasi em triangulo, abertas e forradas de taby de prata de flores, tomadas em diversos pontos com diamantes; a cota era verde, com bordados de nova invenção de laços de flores e ramos de ouro e prata tecidos. Ao pescoço se suspendia uma banda tecida de ouro e prata, com uma grande joia de diamantes, volta e *alça-cuello* á hespanhola. Os cabellos eram toucados de rosas verdes com pontilhas de ouro e prata. Ao hombro levava um *bohême* verde. Na cabeça assentava um chapeu branco coberto de largas pontas de rendas de ouro e plumas brancas.»

Segundo um retrato existente na bibliotheca publica de Lisboa e que pertencia ao convento dos caetanos, da mesma cidade, D. Luiza de Gusmão era formosissima; fronte espaçosa e intelligente, olhos negros e grandes, bocca muito pequena e nariz aquilino. Como se sabe, foi ella quem influiu poderosamente no animo do timido duque D. João, para que acceitasse o sceptro que os conspiradores lhe offereciam. O conde-duque de Olivares tratara do casamento na esperança de destruir a ideia da independencia de Portugal. D. Luiz, porém, disse ao duque D. João, seu marido, que—«antes ser rainha uma hora, do que duque toda a vida!»

Sendo rei de Portugal D. João IV, veiu de Castella um individuo no intuito de assassinal-o, durante a procissão do Corpo de Deus. O rei escapou ao attentado e então a rainha D. Luiza mandou construir, em acção de graças, o convento de Santa Thereza, no logar onde haveria de realisar-se o crime.

D. Luiza de Gusmão teve sete filhos: D. Theodosio, que esteve para casar com uma filha do duque de Orleans, e que morreu aos 19 annos; D. Affonso e D. Pedro, que successivamente foram reis; D. Anna, que nasceu e falleceu no mesmo dia, 21 de janeiro de 1635, em Villa Viçosa; D. Joanna, que viveu 17 annos; e D. Catharina, que casou com o rei Carlos II de Inglaterra.

Por morte de seu marido, em 1656, D. Luiza ficou governando o reino, durante a menoridade de D. Affonso. Houve, por essa occasião grandes intrigas na côrte, e no anno de 1663 D. Luiza entregava o governo nas mãos do filho. Retirou-se em seguida para o convento do Grillo, em Xabregas, onde morreu no dia 27 de fevereiro de 1666, com 53 annos; o convento das religiosas Agostinhas Descalças, a que depois chamaram vulgarmente as Grillas.

A rainha D. Luiza era senhora de grandes dotes de espirito. Eis o que a seu respeito escrevia o embaixador francez ao cardeal Mazarini, sobre as entrevistas que tivera com a rainha em 1655:

«Si les grandes qualitéez de la Reine de Portugal n'estoient cogneues de Vostre Eminence ainsy que de toutte la France, il luy seroit difficile de se persuader qu'une femme peust estre esclatrée au point que l'est cette princesse, et que ce qui est en elle de naturel et d'acquis se rencontre au degré d'elevation oú son esprit la porte; son raissonnement est fort solide, son discours poly et sa parolle accompagnée de tant des graces qu'il y a lieu d'admirer qu'il s'y puisse trouver tant de douceur, de fermeté et de resolution. Les langues latine et italienne luy sont aussy communes que le castillan et le portuguais.»

*

Ha dias, foi por ordem superior um conductor de obras publicas ao convento das Grillas avaliar o estado do caixão da rainha D. Luiza, afim de se saber se poderia ser removido para a egreja de S. Vicente. O caixão estava por detraz do altar-mór; ao ser tirado para o centro da egreja, reconheceu-se que tinha sido violado. Foi então que se participou o caso para juizo.

Depois da morte da ultima freira, isto é, ha cerca de tres annos, o convento passou para o estado que lhe aproveitou algumas casas do andar inferior para armazenagem de material de artilheria. As chaves da egreja ficaram em poder do padre Theotonio, e, segundo parece, é elle responsavel pela violação.

O caixão estava sobre dois bancos, ao centro da egreja. Cobria-o um velho panno roxo ricamente bordado a ouro. Assentava sobre elle uma almofada da mesma especie e sobre esta uma corôa real. O caixão é de pau Brazil, forrado de velludo escuro, que, parece, teve lavrados. Os dois fechos apresentavam visiveis signaes de arrombamento; os anneis das aldravas fechaduras por meio de dois pregos de arame, pregados recentemene, porque não estavam enferrujados. Tirou-se a tampa do caixão; o caixão de chumbo fôra aberto de alto a baixo.

O ladrão ou ladrões fizeram primeiro uma abertura com escopro ou thesoura e depois rasgaram o chumbo, que pouca resistencia deveria ter offerecido, por estar bastante exydado.

Da rainha de Portugal existia unicamente o esqueleto sob uma camada de cal. O craneo totalmente despegado da columna vertebral; aqui e além via-se pedaços de seda côr de castanha do ultimo vestido da mulher de D. João IV. Visivelmente a cal fôra revolvida em torno do craneo e junto das mãos. E comprehende-se a razão: existiam de certo ali as joias: collar, brincos, braceletes e anneis.

Pegado ao craneo, ainda se descobriu restos de um finissimo tecido, que parece ter sido renda. Do lado esquerdo do cadaver, sahiam da compacta massa de cal, as costellas.

A' vista d'aquelle esqueleto de uma rainha, confrangem-se-nos sinceramente o coração, pensando na triste mesquinhez da vida, e no abandono a que n'este nosso paiz são votadas as sagradas reliquias dos grandes vultos da historia patria.

Além da auctoridade judicial, assistira apenas ao auto os srs. prior do Beato, Luciano Cordeiro e Alberto Pimentel.»

CARTA DE LISBOA

27 DE DEZEMBRO DE 1888.

As queixas contra as falsificações do vinho do Douro são velhas, não são d'agora; d'agora são as providencias contra o facto que a todos indigna. A este respeito escreve um collega nosso, d'aqui, o seguinte e com muita razão escreve assim, porque o sr. Rodrigues de Freitas tem sido um dos mais denodados defensores dos homens que a opinião publica accusa de transformadores dos nossos excellentes productos vinicolas em perfeitas zurrapas. O collega a que me refiro diz o seguinte:

Ao sr. Rodrigues de Freitas, que tanto se queixava hontem, no *Jornal do Commercio*, dos jornalistas ministeriaes que desacreditavam o commercio dos vinhos, offerecemos, além das considerações que fizemos hontem, o seguinte trecho do relatorio de uma proposta de lei assignada pelo sr. Hintze Ribeiro e Julio de Vilhena, e apresentada á camara em 1883:

«*E' uma verdade, infelizmente de ha muito reconhecida*, que o commercio dos nossos vinhos genuinos encontra nos principaes mercados estrangeiros uma concorrencia de todo o ponto desleal, feita por meio de vinhos artificiaes fabricados, que *usurpando os nomes dos nossos logares de producção mais conceituados*, e attraindo os consumidores pelos preços relativamente mais baixos por que podem ser vendidos, *nos desacreditam pela sua inferior qualidade*, e nos prejudicam attentando contra os legitimos direitos da nossa propriedade industrial.»

E digam agora que somos nós os diffamadores do commercio de vinhos e que a lenda do descredito foi o governo que a inventou.»

Ao que ahi se diz creio que não haverá que responder.

— Diz um telegramma de Londres que, n'uma proxima sessão nocturna, na camara dos communs, o deputado irlandez, dr. Tanner, foi expulso da camara pelo presidente, em consequencia dos epithetos de cobarde e mentiroso que dirigiu durante o seu discurso a mr. Balfour. Antes de chegar a tal extremo, o presidente convidou-o a retirar as palavras injuriosas, mas como o dr. Tanner a isso se recusasse, ordenou-lhe que saisse, suspendendo-o das suas funcções de deputado. E' o que aqui se devia fazer aos deputados arruaceiros, que os ha no nosso parlamento, se o nosso regimento o permittisse. Não o permitte ainda mas é de crer que essa disposição venha a incluir-se n'elle, pois que a casa onde se celebram as sessões parlamentares d'um paiz digno não póde continuar a ser mercado de regateiras, circo de permanente desordem.

— Morreu o dr. Paulo Midosi, um advogado prestigioso, um escriptor de talento, um caracter respeitavel, um espirito jovialissimo. O nome de Paulo Midosi está intimamente ligado ás glorificações de Taborda, o nosso eminente comico, que foi agora o enfermeiro devotadissimo do velho escriptor. Gravemente doente e abatido, o sr. Paulo Midosi já ha bastante tempo que interrompera a sua honrada lida de escriptor. Para o theatro escreveu muitissimo: O *José do Capote*, o *Conselho dos dez*, o *Misanthropo*, *Entre a bigorna e o martello*, *Attribulações de um padeiro*, *Os advogados*, *O chapeu de chuva de Damocles*, a *Tia Maria*, *Certidão de baptismo*, *Marido de duas mulheres*, *A marqueza*, *A questão do oriente*, *A arte e o coração* etc., etc. Era ultimamente provedor da misericordia. Morreu de um cancro na face. O seu funeral foi muito concorrido.

— Morreu tambem o illustre arcebispo resignatario de Braga, D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa. Era uma nobilissima figura do episcopado portuguez e um dos maiores talentos e dos mais nobres caracteres do nosso clero. Publicou um livro valiosissimo ácerca do Padroado e na camara alta combateu distinctamente e com singular isenção a obra nefasta da ultima Concordata. A sua vóz eloquentemente sincera, independente, sentida, eccoou ainda, como um altivo protesto, por entre os escombros do velho Padroado. Morreu na sua quinta de Cabanas em Braga. No seu testamento beneficiou muito o hospital da sua terra natal—Cantanhede.

— Partiram ante-hontem para Villa Viçosa os srs. duques de Bragança. Suas altezas tencionam demorar-se alli até 31 de janeiro proximo. Estavam convidados para os acompanhar os seguintes cavalheiros: marquezes da Fronteira e do Fayal; condes de Sabugosa, da Ribeira Grande: Bernardo Pindella, Carlos Lobo d'Avila, Jorge de Mello, Carlos du Bocage e Fernando Eduardo de Serpa.

— [illegible] Lisboa as novas carruagens de luxo, systema americano, para a companhia real dos caminhos de ferro do norte e leste. Devem ser montadas por estes dias. Tem 18 metros de comprimento cada uma.

— Mandou-se abrir concurso para a primeira empreitada geral de estradas no districto de Vianna, na importancia de 206 contos de reis. Comprehende as estradas de Vianna a Santa Luzia, dos Arcos a Coura e Melgaço, de Ponte do Lima a S. Julião de Freixo, de Louveilhe a Candemil de Soutello e ao Ribeiro do Villar e de Melgaço a S. Gregorio.

— A bordo do paquete *Hawarden Castle* seguiram viagem os seguintes passageiros do Estado:

Para Lourenço Marques, os srs. Pedro de Campos Vaidez, verificador da alfandega, capitães José Xavier de Moraes Pinto e José Carlos de Mello e Minas, conductores de obras publicas e o pedreiro Antonio Norberto, sua mulher e um filho. Para Moçambique, a sr.ª D. Emilia Baptista Pontes, esposa do tenente quartel mestre João José Pedro Silvestre, e Jesus Octaviano José Pedro Lobo, facultativo de 2.ª classe. Tambem seguiu viagem para o estado da India, por via de Gibraltar, e facultativo reformado, sr. Sebastião Manuel Caetano Pontes, tres filhos menores e uma creada de côr preta.

Y.

SECÇÃO AGRICOLA

ASSUMPTOS VITICOLAS

A enorme extensão que no paiz vae abrangendo a invasão phylloxerica, tanto mais rapida na sua marcha quanto mais vasta e continua é a área occupada pela vinha, toma de um justificado pavor os viticultores, e estes, vendo os seus vinhedos ameaçados, ou já invadidos, ou, peor ainda, destruidos já, e mórmente n'aquellas regiões onde, como na *turreana*, os insecticidas se têem mostrado impotentes, voltam as suas vistas para as videiras americanas, esperando que d'ellas lhes venham o remedio, não já para salvarem as vinhas existentes, ou moribundas, mas para ao menos a essa riqueza, que se perde, poderem substituir outra, que offereça grantias de conservação.

Vem comtudo a vacillação e o receio, que ordinariamente acompanham a inexperiencia, lançar o viticultor em dubias conjecturas; dar-se-hão as videiras americanas no nosso clima, no nosso solo? Dizem que as mais resistentes são infractiferas, necessitam ser enxertadas; mas como fazer a enxertia, que se diz ser differente da usada de longa data nas vinhas do paiz? E pegarão bem as enxertias, e resistirão bem as plantas enxertadas, e não passará para as uvas do enxerto o gosto *foxé*, ou, como diriamos, o gosto a *rapozinho* que ás proprias uvas incutem certas castas americanas?

A conveniencia de não cruzar os braços e ao mesmo tempo estas duvidas, que assaltam o espirito do viticultor em presença do remedio, cujas qualidades são por uns exaltadas, mas por outros deprimidas, põem-no na necessidade urgente de se informar, por todos os meios ao seu alcance, do que ha de verdade e de seguro com respeito ao inculcado salvaterio. O não é para as vinhas perdidas, ameaçadas, mas sim, o que é já muito para as familias dos proprietarios, cultores, para as dos rendeiros, colonos, ceiros, e sobre tudo para a pobre população operaria.

Assim deve o viticultor, se a fortuna lh'o permitte, visitar as localidades onde a cultura da videira americana se está já fazendo com mais intensidade, no estrangeiro ou no paiz; informar-se directamente, consultando, por escripto ou em conversação, aquelles que mais eximios se tenham mostrado na mesma cultura, ou a façam de mais longa data, e ler assiduamente os jornaes agricolas, que se occupem de tão interessante assumpto. Este ultimo meio será por certo aquelle de que maior numero de viticultores poderá lançar mão.

Em vista da magnitude, que na actualidade tem para a nossa agricultura e, digamol-o tambem com a mesma certeza, para o paiz, a questão viticola, por seguro não menos importante do que a dos cereaes, todos os periodicos agricolas nacionaes devem juntar os seus esforços para o mesmo fim commum, e tão urgente, de esclarecer o viticultor sobre os meios de conservar as suas vinhas, onde seja possivel, ou de as substituir pelas americanas de producção directa e indirecta, quando os insecticidas e outros meios de combater ou evitar a phylloxera (sulfureto de carbonio, sulfocarbonato de potassio, submersão, plantação nas areias) sejam inefficazes ou impossiveis.

E' por isso que a *Agricultura Portugueza*, iniciando hoje a sua publicação promette acompanhar n'esta senda, que conduz a fins tão uteis e humanitarios, os collegas, que a precederam na imprensa, e que teem já, n'esta lucta de salvação e de progresso, prestado á viticultura portugueza serviços relevantes.

A esses collegas da imprensa agricola, que tanto teem já concorrido para a conservação das vinhas nas regiões de solos permeaveis, e para a implantação das videiras americanas nos terrenos onde os nossos vidonhos succumbem, envia pois o redactor da secção *Assumptos viticolas*, da *Agricultura Portugueza*, uma saudação plena de enthusiasmo e admiração, pelos serviços que teem prestado, e um fraternal abraço.

Trataremos, pois, n'esta secção, de transladar e esclarecer perante os viticultores, que nos leiam, não só os factos observados na pratica da viticultura americana em paizes sob este ponto de vista mais avançados do que o nosso, e que nos livros, jornaes e informações directas do estrangeiro podermos colher, cuidando tanto quanto possivel de os apreciar pelo lado da sua applicação ás condições do paiz; mas ainda buscando as informações dos nossos viticultores, que pela experiencia possam já dizer-nos alguma coisa util sobre a adaptação das cepas americanas aos solos e climas de Portugal, lendo os relatorios e boletins publicados officialmente ácerca dos serviços agricolas e anti-philloxericos, e aproveitando as nossas proprias observações.

—

As videiras americanas em França—Conferencias viticolas no departamento de Vienna nos dias 17, 18 e 19 de novembro de 1888

O departamento da Vienna é um dos que, segundo Guyot, constitue a *região das Charentes*, celebre pelas suas aguardentes de copo, conhecidas em todo o mundo com o nome de Cognac.

As suas vinhas occupavam, no tempo em que o dr. Guyot estudou as regiões viticolas da França, cerca de 33:000 hectares, e produziam vinhos tintos e brancos muito fracos, que eram utilisados parte no consumo local, parte exportados para lotações, ou empregados no fabrico de vinagre de muito boa qualidade, no que se tornou celebre a fabrica de MM. Roblin et Dècle, em Neuville.

Actualmente todo o departamento está mais ou menos invadido, sendo já permittida a introducção das cepas americanas nos *arrondissements* (concelhos) de Poitiers, Châtellerault, Montmorillon e Civray, e prohibida apenas no de Loudun, onde a invasão é ainda pouco intensa.

E' pelo jornal francez *Le Progrès Agricole et viticole*, de 25 de novembro, que temos conhecimento dos principaes pontos tratados nas conferencias, e d'elle vamos extractar a seguinte breve noticia em que intercallamos alguns commentarios nossos.

Abriu a primeira sessão no dia 7 de novembro, pelas 9 horas da manhã, presidindo M. Bender.

M. Desmaret faz a historia da questão phylloxerica, expõe a situação das vinhas da região e referindo-se ás plantas americanas faz a critica dos productores directos em geral, principalmente do Othello; indica o Cynthiana como um dos melhores entre elles, mas preconisa a enxertia como o unico meio de reconstituição, se se quer conservar aos vinhos francezes a sua fama.

M. Battanchon, professor de agricultura no departamento de Saône-e-Loire, diz que nenhuma questão é actualmente tão sujeita a controversia, nenhuma tão delicada nem tão espinhosa como a dos productores directos; mas que, tendo a respeito d'ella uma opinião segura, pelo menos emquanto factos novos não a venham modificar, fallará a tal respeito muito sinceramente.

Diz que, logo que se attinge este assumpto, acode ao espirito esta dupla pergunta: qual a razão de ser e qual o fim dos productores directos?